

OS MEGA-PROJECTOS EM MOÇAMBIQUE: A CONCLUSÃO PRECIPITADA QUE PODE CONDENAR MOÇAMBIQUE AO FRACASSO?

Ibraimo Hassane Mussagy

imussagy@ucm.ac.mz

Universidade Católica de Moçambique

Resumo

Moçambique é uma das economias que vem registando taxas de crescimento elevadas a nível mundial, com uma média de 8.1 % desde 1993. O clima de investimento liberal atraiu vários Mega Projectos. Como resultado, em 2003 e 2004, a tendência de crescimento manteve-se e a actividade económica foi praticamente sustentada pelo sólido desempenho dos Mega Projectos. Houve avanços significativos em relação aos principais indicadores de desenvolvimento humano e social, com uma diminuição substancial nas áreas de mortalidade materno-infantil e um aumento das matrículas escolares. Apesar dos grandes feitos da economia moçambicana, cerca de 50 % da população é ainda considerada pobre e as desigualdades quanto ao rendimento e à riqueza continuam evidentes, sendo possível que tenham até aumentado em algumas regiões. Pode-se inferir que as elevadas taxas de crescimento não foram capazes de gerar emprego suficientes nas populações (PEA, 2005). O facto aqui destacado é a fraca ligação entre os Mega Projectos e a economia nacional. Estes são geralmente intensivos em capital e, portanto, não geram emprego directo proporcional ao seu peso no investimento, produção e comércio. Para que os ganhos dos Mega projectos sejam visíveis, é necessário que haja um projecto nacional de desenvolvimento coerente, factível e que haja capacidade e vontade de articular as diferentes dinâmicas da economia para gerar as necessárias ligações e sinergias essenciais para o desenvolvimento.

Palavras-chave: Mega-projectos, desenvolvimento local, sinergias, dinâmicas económicas.

Abstract

Moçambique is an economy which has shown a high growth rate at an average of 8.1% since 1993. A liberal investment climate has attracted several mega-projects. As a result, both in 2003 and 2004, the tendency towards growth remained constant and the country's economic activity was sustained by the solid performance of the mega- projects. Significant advances were made in relation to the principle human and social development indicators by a substantial reduction in infant-mortality rates and an increase in school enrollment figures. Despite these notable achievements, however, approximately 50% of the country's population is still considered to be in poverty and inequality in terms of income and wealth is still evident, in some regions having even increased. It is argued that high growth rates have not been capable of increasing sufficient employment opportunities for the population (PEA, 2005). What has been noted is the weak link between the mega projects and the national economy. The mega projects are generally capital intensive and therefore, do not generate employment in direct proportion to their degree of investment, production and business. In order for the gains of the mega projects to be more

visible, there should be a feasible, coherent national development project which has the capacity and the will to join the different economic dynamics in order to generate the necessary links and synergies that are essential for development.

Keywords: Mega-projects, local development, synergies, economic dynamics

Introdução

Nas décadas decorridas desde a sua independência, Moçambique vem lutando contra uma série de constrangimento ao crescimento, que agravaram os níveis de pobreza em todo o país, especialmente nas áreas rurais. Estes constrangimentos se estendem desde as calamidades naturais que tem afectado o país, até a guerra civil que perdurou 16 anos. Como consequência directa, as estruturas económicas, as redes escolares, sanitária e as vias de comunicação foram destruídas e/ou gravemente danificadas e a maior parte da população que vivia na zona rural ficou desalojada. A guerra teve o seu término em 1992.

Desde o final da guerra em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz pelas partes beligerantes, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), o país tem vindo a registar vários sinais de melhoria. Concretamente, o país tem vindo a registar uma das mais elevadas taxas de crescimento da produção global, se comparadas com os países da região da SADC (Southern African Development Community) e não só, mas como também, do mundo. A variação percentual nominal da produção global do país tem vindo a apresentar uma média de 8.1 % ao ano desde 1993.

A estabilidade macroeconómica global do país associado ao regime jurídico atinente à realização de investimentos nacionais e estrangeiros, caracterizado pelo favorável clima de investimento liberal, trouxe consigo um fluxo de capital do exterior direccionado aos Mega Projectos nas várias regiões onde há ocorrências de recursos minerais que justificam a entrada deste Mega Projectos. Naturalmente que os Mega Projectos tem sustentando as taxas de crescimento relativamente altas que o país tem registado.

Caracterização e Importância dos Mega projectos

É importante a esta altura, antes de prosseguir, fazer uma breve definição do termo Mega Projectos e apresentar a importância que os mesmos desempenham na economia

nacional. Desta feita, os Mega projectos são actividades de investimento e produção complexas, que geram várias incertezas e com características muito especiais. São projectos de grande magnitude e que criam impacto nos negócios próximos, residências e ambiente. O seu orçamento é definida pelos montantes de investimento (acima de US\$ 500 milhões) e o impacto na produção e comércio, é enorme (Castel-Branco, 2008).

Os mega-projectos desempenham um papel importante no processo de crescimento da economia Moçambicana. Moçambique tem feito um esforço de desenvolvimento muito significativo, procurando fundar continuamente o seu processo de crescimento por via dos vários sectores da economia e particularmente pela atracção de mega projectos. Em consequência do regime diversificado de amplos incentivos fiscais, nos últimos anos os mega projectos aumentaram. Eles aumentaram não só em quantidades mas como também aumentou a sua importância no peso da economia nacional. Para se ter uma ideia, já nos transcorridos anos de 2006, os mega projectos da Mozal, Sasol e áreas pesadas de Moma absorviam cerca de 60% da produção nacional, medida pelo indicador macroeconómico PIB. E ainda nessa altura a produção conjunta dos mesmos, representavam grande parte do índice de cobertura das importações de todo país, uma vez que este empreendimentos são caracterizados por um volume de importações em equipamentos e tecnologias avultados.

As Novas Descobertas dos Recursos Naturais

O rápido crescimento que se revelou em 1993, continuou. E, como resultado, em 2003 e 2004, a tendência da actividade económica foi praticamente sustentada pelo sólido desempenho das indústrias extractivas e manufactureiras, dominadas pelos dois Mega Projectos: o gasoduto da SASOL e a expansão da fundição de alumínio MOZAL II (PEA, 2002).

Desde a entrada dos três primeiros mega-projectos em Moçambique, o país tem vindo a atrair cada vez mais novos grandes investimentos, resultantes das novas descobertas dos recursos naturais. Em 2011 foi a descoberta de extensas reservas *off-shore* de gás natural. Em Setembro, a Anadarko Petroleum, após vários estudos, comunicou oficialmente o resultado das pesquisas. Foi descoberta na região do bloco 1, de 22.5 biliões de pés cúbicos de gás. Mais tarde, em Outubro, um consórcio liderado pela petrolífera indiana Ente Nazionale Idrocarburi SpA encontrou, a aproximadamente 40 km da costa de Cabo Delgado, cerca de 15 biliões de pés cúbicos de reservas de gás

natural (PEA, 2012). Estas sequências descobertas todas colocaram Moçambique no ranking dos países com maiores reservas de gás natural. Neste momento, o país se encontra neste momento, no quarto lugar mundial em reservas de gás natural, atrás dos três gigantes, Rússia, Irão e Qatar.

Com a entrada de mais novos Mega projectos, o país começa por criar as pré condições nas instituições por forma a garantir a credibilidade das instituições fazedores das políticas económicas. Novas instituições são criadas, novas políticas macroeconómicas são desenhadas, tendo em vista a nova pressão criada pela entrada e saída de fluxo de capitais do país. Na sequência, no ano de 2011, o Banco Central de Moçambique continuou a aplicar a política monetária restritiva implementada ao longo de 2010 a fim de absorver o excesso de liquidez e conter a inflação em valores abaixo dos dois dígitos. Como resultado, a Inflação histórica em 2012 atingiu seu valor mais baixo num dos semestres, uma taxa de 2.7%. Este bom desempenho da economia manteve-se até ao primeiro semestre do ano de 2013. Daí que estes resultados animadores, fizeram com que as instituições internacionais, ao abrigo dos instrumentos de avaliação às políticas económicas em Moçambique, apontassem uma média de crescimento nominal de cerca de 8% ano (FMI, 2013).

Os Sectores que impulsionaram o Crescimento Económico

O país registou uma estabilidade económica global caracterizado pelo bom desempenho dos indicadores macroeconómicos seleccionados (Tabela 1).

Indicadores Macroeconómicas	2011	2012	2013	2014 (a)
Crescimento real do PIB	7.3	7.4	8.5	8
Inflação medida pelo IPC	10.4	2.7	6.5	5.7
Saldo orçamental % PIB	-4.3	-8.2	-9.2	-9.5
Balança corrente % PIB	-10	-18.8	-15.5	-15.8

Fonte: www.africaneconomicoutlook.org

(a) previsão

Naturalmente os megas projectos foram impulsionadores dos bons indicadores de desempenho macroeconómicos do país. Mas, economia nacional não possui somente os

mega-projectos como os principais impulsionadores do crescimento verificado. A agricultura, que absorve grande parte da população nas zonas rurais, também é tida como um dos sectores que tem contribuído para o crescimento económico do país. Este sector tem feito a sua participação, não da forma como se pretende mais da forma como ela pode participar. As boas colheitas das principais culturas de exportação tais como o algodão, a castanha de caju, a madeira, entre outras culturas de rendimento, bem como a crescente demanda dos serviços de transportes e comunicações estiveram associados a esta famosa taxa de crescimento (FAO, 2010).

De acordo com o Inquérito dos Agregados Familiares sobre as condições das populações, (IAF) a pobreza reduziu ao nível mais alto. Concretamente fala-se da pobreza não ao nível dos distritos, postos administrativos, localidades, mas sim de todo país. Para se ter uma ideia mais clara, entre 1997-2003 a pobreza diminuiu em 15% (dos registados 69% para actuais 54%). Esta evolução positiva dos indicadores de pobreza, revelaram não só a melhoria das condições de vida da maior parte das populações que vivia com menos de USD \$ 1 por dia. Esta redução também retirou 3 milhões de pessoas da pobreza absoluta e a pobreza caiu mais nas zonas rurais em 16% do que nas regiões urbanas de 62% para 52% nesse período (INE, 2010).

A indústria mineira, começa a dar os seus primeiros contributos visíveis a este crescimento em 2011. Nesta altura, as minas de Moatize, começam a fazer a primeira exportação de carvão a marcar o nascimento de Moçambique como exportador mundial de minerais.

A esta altura, os principais indicadores socio-económicos também registaram números optimistas. Particularmente, houve avanços significativos em relação aos principais indicadores de desenvolvimento humano e social, mostrando que a renda agregada dos moçambicanos registavam um aumento, a diminuição substancial nos números de mortalidade materno-infantil e uma maior acessibilidade aos níveis de educação caracterizado pelo aumento das matrículas escolares.

O Desafios da Economia Nacional

Apesar dos grandes feitos da economia moçambicana, cerca de 50 % da população é ainda considerada pobre e as desigualdades quanto ao rendimento e à riqueza continuam evidentes, sendo possível que tenham até aumentado em algumas regiões do país, com evidência de que o aumento foi registado na cidade de Maputo. Apesar da

agricultura de Moçambique ser bastante favorecida pelos solos férteis do país, ela sofre com a irregularidade das chuvas, especialmente no sul, mais árido. A lenta desaceleração nos índices de pobreza estão associados a participação massiva de grande parte da população que sobrevive do sector agrário e pratica uma agricultura de subsistência.

Contudo, Moçambique tem ainda vários desafios. Tende de lutar contra o HIV-SIDA, um grave problema que se tem agravado cada vez mais e contra um dramático défice de recursos humanos. O rendimento *per capita* ainda se encontra entre os mais baixos do mundo. Se comparados com os países ricos, verificamos que o rendimento *per capita* é cerca de 10 vezes menos. Estas desigualdades são sonoras e justificam-se, no caso de Moçambique, pelo facto de 80% da força de trabalho não ter completado o ensino primário, e, apenas 13%, completaram o ensino secundário. Desta feita, pode-se resumir os desafios da economia moçambicana da seguinte forma: crescimento e pobreza, pobreza e desigualdade, crescimento rápido e redução lenta da pobreza, crescimento *pro-poor* e disparidades de rendimento, etc.

Estes desafios acomodam a seguinte questão de reflexão:

- As Novas descobertas de recursos naturais serão uma maldição política e económica, como tem sido o caso em tantas nações ou serão uma bênção que com as receitas extraordinárias potenciais podem mudar o desenvolvimento económico e humano de Moçambique a médio prazo?

A Maldição dos Recursos Naturais

Uma importante parcela dos países em desenvolvimento dependem economicamente de recursos naturais. O senso comum indica que um país abundante em recursos naturais seja mais rico, tenha poder de compra mais amplo sobre importações e, portanto, taxas de investimento e crescimento superiores aos países que não apresentem tal dotação.

A maldição dos recursos naturais faz referência aos países bem dotados destes activos, especialmente aqueles de carácter não-renovável, como minérios e combustíveis; que apresentam taxas de crescimento mais baixas e de pobreza mais altas do que outras regiões onde esses recursos são mais escassos. De bênção, a abundância de alguns recursos naturais passou a ser associada com experiências negativas no campo

económico, político e social, incluindo crescimento económico inferior, baixos níveis de democracia e guerra civil (Medeiros, 2011).

Há países ricos nestes recursos, cuja população é considerada pobre. São, portanto, economias que não conseguem integrar o valor das rendas obtidas destes recursos naturais, nem garantir que os recursos financeiros aplicados na extracção e advindos da exportação daqueles, sejam empregados, considerando a futura geração de renda doméstica (Lewis, 1989).

A maldição dos recursos naturais foi o termo cunhado para abarcar a relação negativa entre as dotações de recursos naturais e diversos aspectos da vida de um país.

A solução dos problemas

Para Castelo-branco (2008), o governo moçambicano atribuiu incentivos fiscais muito generosos aos Mega Projectos já aprovados. O paraíso fiscal a que os Mega Projectos estão inseridos é resultado de uma série de factores onde destaco um deles, a implementação de uma política monetária contracionista. Doutra forma pode-se afirmar que Restrições monetárias existentes Governo a virar-se para uma política de portas abertas ao investimento directo estrangeiro. Para se ter uma ideia, os Megs Projectos contribuem com cerca de 12% do PIB, o seu contributo fiscal é inferior a 1% do PIB. Este regime fiscal adoptado aos Mega projectos parece ser

Os Mega Projectos são geralmente intensivos em capital e, portanto, não geram emprego directo proporcional ao seu peso no investimento, produção e comércio. A razão principal levantada aqui é o facto da economia moçambicana ser caracterizada por ser uma economia em que a maior parte da população ser analfabeta e os mega-projectos exigirem um alto uso das tecnologias. Ribeiro e Comin (2008) falam dos benefícios na redução da pobreza, como resultado do uso diferenciado dos factores de produção. Estes destacam, que em muitos países em vias de desenvolvimento, o crescimento anual resultante do uso intensivo de mão-de-obra menos capacitada tem tido mais sucesso na redução da pobreza. Portanto, quanto maior o crescimento, derivado do uso intensivo da mão-de-obra, maior será o crescimento e maior será a redução da pobreza. Em Moçambique existe um gap entre a demanda específica de mão-de-obra e oferta da mesma pelo mercado de trabalho interno. Como é evidente, quanto maior for a diferença entre o Mega Projecto e a base económica e capacidades tecnológicas existentes, menor será a capacidade que a economia tem para absorver o

Mega Projecto e desenvolver as várias ligações (produtivas, tecnológicas, de emprego, investimento/poupança e fiscais) com ele.

Face às dificuldades de realizar ligações produtivas, não é de admirar que a riqueza gerada pelos megas projectos pertence às corporações que os possuem e controlam e não à economia como um todo. Os ganhos para a economia nacional estão relacionados com o grau de retenção e absorção dessa riqueza pela economia e não apenas pela quantidade de riqueza produzida espelhada nos bons indicadores macroeconómicos (Tabela 1). O impacto real dos Mega Projectos na acumulação e reprodução económica neste momento seja reduzido.

Conclusão

A natureza das receitas de recursos naturais indica a importância de poupar uma parte das receitas para aumentar o consumo, para lidar com a pobreza e aumentar o investimento em bens públicos, tais como a educação, saúde, infra-estruturas e capacidade institucional (Biggs, 2012).

A adopção, não só de uma política monetária pressionada pelos megas projectos, mas também de uma política fiscal expansionista, com o objectivo de fortalecer a arrecadação das receitas, de modo a inverter os estabilizadores automáticos (transferências de rendimentos e impostos induzidos) e apoiar a desinflação, por via da política monetária contraccionista. As receitas obtidas com os recursos naturais resultam do esgotamento de um depósito finito de recursos, pelo que elas serão fundamentalmente temporárias. Além disso, estas receitas serão muito incertas, pois os preços dos produtos básicos são muito voláteis. Stiglitz (2007) destaca que a Nigéria em 1970 era importante exportadora de *commodities* e que agora se encontra na ponta contrária, dependendo de importações dos mesmos.

O desemprego de jovens é uma questão de desenvolvimento fundamental para Moçambique, com uma alta taxa de crescimento populacional de 2,8% e cerca de 300.000 novos trabalhadores, por ano, no mercado de trabalho. O país tem tido altas taxas de crescimento económico na última década. No entanto, o crescimento foi em grande parte impulsionado por projectos de capital intensivo, especialmente em indústrias extractivas. Consequentemente, o crescimento não foi capaz de gerar emprego suficiente e o sub-emprego é generalizado (PEA, 2005). A redução dos níveis

de pobreza estagnou nos últimos seis anos, em grande parte devido à incapacidade de gerar emprego e aumentar a produtividade no sector agrícola.

Além disso, países ricos em recursos com frequência deixam de adoptar estratégias de crescimento sustentável. Não reconhecem que, se não reapplicarem sua riqueza natural em investimentos produtivos, estarão na realidade se tornando mais pobres.

Os recursos naturais não precisam ser vistos como uma “maldição” desde que se tenha um projecto nacional de desenvolvimento coerente, factível e que haja capacidade e vontade de articular as diferentes dinâmicas da economia, para gerar as necessárias ligações e sinergias essenciais para o desenvolvimento. Nesta perspectiva, eles serão vistos como uma bênção. Porém, isto não ocorrerá por si só e não acontecerá facilmente. Será necessário corrigir o problema que Moçambique tem no que concerne aos contratos já assinados, que deverão ser renegociados. Este tipo de renegociação, como aconteceu em Botswana, são um exemplo do seu notável crescimento nas últimas quatro décadas.

Os recursos naturais ainda estão aí e, no sentido restrito da expressão, não é hoje e nem amanhã que estes se esgotarão. Tem sim o seu tempo de uso e a sua durabilidade. O crescimento baseado em recursos é ineficiente pois os preços mundiais das exportações de bens primários apresentam uma tendência histórica a declinarem (Prebisch, 1986). Enquanto estivermos nesta situação e os preços das *commodities* permanecerem em alta, Moçambique pode criar instituições políticas e leis necessárias para assegurar que os recursos beneficiem todos os cidadãos.

Referências bibliográficas

Lewis, S. (1989) Primary exporting countries. In Hollis Chenery and T. N. Srinivasan, eds., *Handbook of Development Economics*, Vol. II. Amsterdam: North-Holland.

FMI (2013). *Quinta Avaliação do Acordo ao Abrigo do Instrumento de Apoio à Política Económica e Pedido de Modificação de Critérios de Avaliação*. Maputo.

INE (2010). *Inquérito dos Agregados Familiares sobre as Condições de Vida das Populações*. Maputo.

Stiglitz, J (2007). *A maldição dos recursos naturais*. Brasil

Biggs, Tyler (2012). *Explosão Emergente de Recursos Naturais em Moçambique*. Maputo

PREBISCH, R. (1950). *The Economic Development of Latin America and its Principal problems*. United Nations, Lake Success, NY

Castel-Branco, Nunes (2008). *Os Mega Projectos em Moçambique: Que Contributo para a Economia Nacional?* Maputo